

Riobaldo: Um herói problemático no grande sertão

Viviane de Guanabara Mury - (mestranda em Letras Vernáculas, Literatura Brasileira, UFRJ)

Resumo

O objetivo deste artigo é estudar Riobaldo, narrador e protagonista de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, entendido como o protótipo do herói problemático. A análise está fundamentada no pensamento de Georg Lukács exposto em seu livro *A teoria do romance*, no qual estabelece um contraste entre herói da epopéia e herói problemático. A interpretação do romance busca identificar, além de traços que nos permitem caracterizar Riobaldo como herói problemático – afirmação da subjetividade, heterogeneidade do mundo, solidão e angústias – elementos que funcionam como resquícios do tempo da epopéia. São abordados o sentido da narrativa bem como as implicações de sua natureza autobiográfica e os conflitos de Riobaldo, com especial destaque para o problema do pacto com o demônio, em que suas principais dúvidas afloram.

SUMMARY

The purpose of this article is to study Riobaldo, narrator and protagonist of *Grande sertão: veredas*, by Guimarães Rosa, understood as the prototype of the problematic hero. The analysis is based upon Georg Lukács' thought presented in his book *A teoria do romance*, in which he establishes a contrast between epic and problematic hero. The interpretation of the novel aims to identify, in addition to characteristics that allow us to see Riobaldo as a problematic hero – affirmation of subjectivity, the world's heterogeneity, solitude and anguish –, elements that function as vestiges of the epic times. We will also approach the meaning of the narrative as well as the implications of its autobiographic nature and Riobaldo's conflicts, especially the problem of the deal with the devil, in which his main doubts come up.

Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa, é uma obra vasta, não só pela extensão da narrativa como também pela variedade de temas que abarca. Neste artigo, elegemos como objeto de análise o narrador e protagonista do romance, Riobaldo, partindo do princípio de que ele seria o protótipo do herói problemático.

A narrativa de *Grande sertão: veredas* constrói-se segundo o desejo do narrador de se compreender e compreender a vida, sua existência. Riobaldo narra a fim de atingir o autoconhecimento e desvelar o sentido oculto do mundo: “Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder”. Esse trecho já nos permite visualizar a condição de herói problemático de Riobaldo, aquele que está em permanente busca de sentido.

Mais adiante, Riobaldo diz: “Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas”. Aqui, percebe-se a presença do mundo heterogêneo, em que o sentido não lhe é imanente, de modo que nenhum ser humano conseguiu encontrar o real sentido da existência, representada na fala de Riobaldo pelo *sertão*. Apenas pouquíssimas pessoas puderam obter vislumbres de verdade, penetrar em algumas veredas do grande sertão, sem jamais atingir a plenitude do sentido.

Podemos entender a narrativa de *Grande sertão* como autobiográfica, pois seu narrador já conhece todo o passado a ser reconstituído pela memória. Dessa forma, há dois planos temporais: o tempo da enunciação, “do ato de narrar” e o tempo das vivências narradas. A esses dois tempos correspondem dois “eus”, no caso específico de Riobaldo, o eu de “range-rede” e o eu predominantemente jagunço. Esses dois sujeitos relacionam-se de forma problemática, pois o eu da velhice olha criticamente o eu da juventude, de modo que o tempo da juventude constitui o objeto de reflexão moral. Na época dos acontecimentos, Riobaldo estava envolvido pelo calor das emoções e não podia tecer longas considerações sobre sua vida, sobre o “sertão”. Mas agora, na sua nova condição de range-rede, já adquiriu o distanciamento necessário para as reflexões e comentários que irá operar sobre seus atos passados e suas eternas angústias.

As indagações e reflexões de Riobaldo permitem-nos caracterizá-lo como herói problemático, um indivíduo à procura de sentido para o mundo e para si mesmo. Suas dúvidas são expressões de uma identidade fragmentada, que quer se entender e entender o mundo igualmente fragmentado. Como se não bastassem esses conflitos, Riobaldo ainda se opõe a sujeitos que, como os homens da epopéia, não se confrontavam com a realidade, pois o mundo era marcado pela homogeneidade, sendo constituído, portanto, por partes harmônicas.

Talvez o maior exemplo desse perfil recaia no chefe dos jagunços Medeiro Vaz. Levando em conta sua história, podemos entendê-lo como a perfeita personificação do herói da epopéia – aquele que, como assinalou Lukács, jamais é um indivíduo e, por isso mesmo, representa o destino de uma comunidade.

Ao ver seu povo em perigo, sofrendo a violência dos jagunços, Medeiro Vaz despoja-se de tudo quanto poderia conferir-lhe individualidade – suas terras, casa e gado – e sai pelo sertão para distribuir justiça, dissolvendo-se no todo. Essa atitude demonstra a perfeita integração entre Medeiro Vaz e o mundo; o sistema de valores encarnado por ele não se constitui motivo de conflito, de tal modo que o chefe dos jagunços não apresenta dúvidas, mas convicções – como os gregos, possuía as respostas antes das perguntas.

Bem diferente é a natureza de Riobaldo. Se Medeiro Vaz dispõe-se a anular sua subjetividade em prol de um destino comum, Riobaldo percorre um caminho inverso. A toda hora, em sua narrativa, busca afirmar sua interioridade, peculiar e exclusiva. Dessa forma, Riobaldo encontra-se em permanente conflito com o universo ao qual “pertence” – a jagunçagem: “Conforme lhe conto: será que eu mesmo já estava pegado do costume conjunto de ajagunçado? Será, sei. Gostar ou não gostar, isso é coisa diferente. O sinal é outro. Um ainda não é um quando faz parte com todos. Eu nem sabia”.

Nesse trecho, a oposição indivíduo vs coletivo é clara: *um* não convive com *todos*. Para se afirmar, o sujeito não pode estar plenamente integrado ao grupo, pois a consciência coletiva sobrepõe-se à individual, impedindo seu desenvolvimento. Os rumos da vida de cada parte que compõe a comunidade são decididos por um pensamento coletivo: “Aquilo, era uma gente. Ali eu estava no entremeio deles, esse negócio. Não carecia de calcular o avante de minha vida, a

qual era aquela”. Os desejos individuais são substituídos por uma só vontade: a de lutar por um destino coletivo, comum a todos: “Com tantos, com eles, gente vivendo sorte, se cumpria o grosso de uma regra, por termo havia de vir um ganho”.

Essa é a forma de vida de Medeiro Vaz, rejeitada por Riobaldo. Para ele, o “Homem foi feito para o sozinho? Foi”. A solidão é o elemento indispensável para a busca de sua autenticidade: “Saísse dali, tudo virava obrigação minha trançada estreita, de cor para a morte”. Fora do grupo, a responsabilidade de traçar seus caminhos e de arcar com as conseqüências de seus atos recaía sobre o próprio sujeito; os passos, bem dados ou não, teriam de ser assumidos por sua própria conta e risco. Afinal, é ele que se lança sozinho na longa e dura jornada rumo ao sentido das coisas. Dissolvido no coletivo, sua travessia não teria razão de existir. Por isso, a contínua oposição ao grupo: “Eu, quem é que eu era? De que lado eu era? Zé Bebelo ou Joca Ramiro? Titão passos... o Reinaldo... De ninguém eu era. Eu era de mim. Eu, Riobaldo”. Riobaldo tem consciência, portanto, de que sua verdade teria de ser por ele buscada: o grupo não poderia lhe dar. Ele é, nas palavras de Lukács, o “peregrino solitário”: “Sozinho sou, sendo, de sozinho careço, sempre nas estreitas horas – isso eu procuro”. Segue à risca o ensinamento de Compadre Quelemém: “A colheita é comum, mas o capinar é sozinho...”. Ou seja: o mundo é de todos, mas o caminho cada um é que faz, cada um escolhe que veredas percorrer, do seu modo, sozinho.

Pensando por si mesmo, Riobaldo afirma sua substância frente aos demais: “eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Divêrjo de todo mundo.... Eu quase que nada sei, mas desconfio de muita coisa”. Ele não quer – e não pode – dissolver-se no todo. Essa é a propriedade marcante das pessoas que não experimentam conflitos com a realidade, que, para elas, já possui sentido imanente. Essas pessoas, ao contrário de Riobaldo, não estão à procura de nada, pois tudo lhes é dado – resta-lhes apenas viver.

Dilacerado por questionamentos, o herói problemático manifesta, uma vontade nostálgica de retornar ao tempo da epopéia, de encarnar um homem já dono das respostas, livrando-se assim das dúvidas que tanto o perseguem, de ver o mundo com “os pastos bem

demarcados”. Porém, como tal viagem não pode ser levada a cabo, Riobaldo continua a viver, angustiado, no “mundo misturado”:

Eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero todos os pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtroz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado.

Já que descrevemos Riobaldo como herói problemático, isto é, um indivíduo que possui uma identidade fragmentada e vive em permanente confronto com o mundo, com o universo que o cerca, torna-se necessário agora discutir que conflitos seriam esses, quais as principais dúvidas de Riobaldo.

O motivo obsessivo em todo o romance é a preocupação de Riobaldo em chegar a uma conclusão definitiva sobre a existência ou não do diabo. Entretanto, durante toda a narrativa, o que se vê é um movimento de ida e volta em torno dessa questão, de modo que há uma constante alternância entre a afirmação e a negação do demônio, que pode ser evidenciada na indagação de Riobaldo: “O diabo existe e não existe? Dou o dito”. Essa contradição, inerente à natureza de Riobaldo, mostra o quão difícil é, para ele, resolver as cisões de sua identidade, especialmente no que diz respeito ao problema do demo.

O movimento de ida e volta evidencia uma relatividade das coisas, uma mobilidade permanente do caminho em que vai passar a trajetória, mostrando que os valores morais no mundo moderno — o “mundo misturado” — não estão definidos: “O senhor ache e não ache. Tudo é e não é...”. Na verdade, o próprio Riobaldo auto-denomina-se “eu, senhor de certeza nenhuma”.

De fato, as dúvidas permeiam a consciência de Riobaldo, como pode ser visto em uma nova referência ao pacto, acontecimento central no romance, pois justifica toda angústia de Riobaldo:

o senhor acredita nessa parlada, de como o demônio se poder tratar pacto? Não, não é não? *Sei que não há. Falava das favas. Mas gosto de toda boa confirmação.* Vender sua própria alma... Invencionice falsa! E alma, o que é? Alma tem de ser coisa interna supremada, muito mais do de dentro (...) Mal que em minha vida aprontei, foi numa certa meninice em sonhos – tudo corre e chega tão ligeiro –; *será que se há lume de responsabilidade?* (...) Se tem alma, e tem, ela é de Deus estabelecida, nem que a pessoa queira ou não queira. Não é vendível. *O senhor não acha?* (grifos nossos)

Percebemos, então, que Riobaldo tenta a todo instante negar a existência do demônio porque isso é condição *sine qua non* para salvar sua alma. Se o diabo está dentro do homem, não houve pacto algum; se a alma é de Deus e não pode ser vendida, como o pacto ocorreu? É disso que Riobaldo precisa se convencer: as perguntas para o interlocutor são dirigidas a ele mesmo. Todavia, as próprias condições nas quais o pacto teria ocorrido, como ver-se-á mais na frente, impedem que Riobaldo ponha um ponto final na questão – a dúvida permanece.

Em várias partes do seu relato, Riobaldo faz menções ao evento em questão. A passagem abaixo é a antecipação desse pacto:

Esta vida está cheia de ocultos caminhos. (...) O que há, que se diz e se faz — que qualquer um vira brabo corajoso, se puder comer cru o coração de uma onça pintada. É, mas, a onça, a pessoa mesma é que carece de matar; mas matar à mão curta, a ponta de faca! Pois, então, por aí se vê, eu já vi: um sujeito medroso, que tem muito medo natural de onça, mas que tanto quer se transformar em jagunço valentão — e esse homem afia sua faca, e vai em soroca, capaz que mate a onça, com muita inimizade; o coração come, e se enche das coragens terríveis!

“Comer cru o coração de uma onça pintada” representa o acordo com o diabo. Através dessa imagem, Riobaldo já nos mostra o principal motivo que o leva ao encontro com o demônio “no meio do redemunho”: a aquisição de coragem, requisito básico para o indivíduo enfrentar

os obstáculos de sua travessia. Riobaldo precisava de coragem, tento para enfrentar o pactário Hermógenes, encarnação do próprio mal e, assim, vingar Joca Ramiro, quanto para assumir a chefia dos jagunços.

Tendo isso em mente, Riobaldo, após muitas hesitações — “É hoje... Mas dessa vez eu ainda remudei. Sem motivo para sim, sem motivo para não.”, — segue até a encruzilhada para realizar o ritual do pacto:

Nós dois, e tornopio do pé-de-vento — o ró-ró girando mundo a fora
, no dobar, funil de final, desses redemoinhos: ... *O Diabo, na rua, no
meio do redemunho...* Ah, ri; ele não. Ah, eu, eu, eu! “ Deus ou o
Demo — para o jagunço Riobaldo!” A pé firmado. Eu esperava, eh!
De dentro do resumo, e do mundo em maior, aquela crista eu repuxei,
toda, aquela firmeza me revestiu: fôlego de fôlego de fôlego — da
mais-força, da maior-coragem. A que vem, tirada a mando, de setenta
e setentas distâncias do profundo mesmo da gente.

Se por um lado, Riobaldo decide selar o acordo com o demônio para conseguir coragem e, assim, chegar ao poder, por outro, o próprio ato de se dirigir à encruzilhada já exige coragem, que vem “do profundo mesmo da gente”. Era preciso que Riobaldo fosse “mais forte do que Ele; do que o pavor d’Ele.”. Podemos dizer, portanto, a partir das próprias palavras de Riobaldo, que o jagunço virou brabo corajoso ao conseguir comer cru o coração de uma onça pintada, onça essa que ele matou à mão curta, a ponta de faca. Ele, que tem muito medo natural de onça, mas que tanto quer virar jagunço valentão, afiou sua faca, foi às Veredas – Mortas, comeu o coração, com muita inimizade, e se encheu das coragens possíveis. Torna-se possível, dessa forma, comprovar que a coragem já estava em Riobaldo; faltava a ele a consciência disso, a segurança.

Também é de se notar, na cena do pacto, a importância da solidão e, por conseguinte, a valorização da subjetividade. Sozinho na encruzilhada, Riobaldo afirma-se diante do Mal: “Nós

dois, e tornopio do pé-de-vento — o ró-ró girando mundo a fora , no dobar, funil de final, desses redemoinhos: ... *O Diabo, na rua, no meio do redemunho...* Ah, ri; ele não. Ah, eu, eu, eu!”. A coragem, tanto desejada por Riobaldo, vem do “profundo mesmo” do indivíduo, o que nos permite concluir que o pacto ratifica, antes de tudo, a força suprema do indivíduo, o valor do homem.

Tanto é assim que, após a evocação de seu nome por Riobaldo: “Lúcifer! Satanás, dos meus Infernos!”, o demônio não aparece, circunstância que deixa a dúvida no ar —“Ele não existe, e não apareceu nem respondeu — que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido.”. Fácil entender, portanto, a dilaceração da alma de Riobaldo em torno da famosa questão: “O diabo existe e não existe?” O papel principal, na cena do pacto, cabe à Riobaldo; o diabo, por si só, é um mero figurante.

O final do livro mostra que Riobaldo conseguiu ser chefe, mas não conseguiu chefiar o mundo: Diadorim, seu grande amor, morre na luta final contra o Hermógenes e sua identidade é revelada: na verdade, Diadorim era uma mulher, o que diminuiria, e muito, os conflitos do herói, que, por vezes, afastava os pensamento em Diadorim, por achar que se tratava de um homem.

Rebulir com o sertão, como dono? Mas o sertão era para, aos poucos e poucos, se ir obedecendo a ele; não era para à força se compor. Todos que malmontam no sertão só alcançam de reger em rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela.

Resta ao herói seguir seu caminho, num mundo misturado, num mundo em que Bem e Mal estão disseminados nas próprias coisas e no próprio homem: “O diabo não há! É o que digo, se for... Existe é homem humano”. O indivíduo é que irá escolher que veredas tomar na sua viagem em busca do sentido, de resposta para suas indagações, jornada infindável, pois o que se aprende mais na vida “é só a fazer outras maiores perguntas.”. Não há, portanto, um

ponto final, uma linha de chegada para esse caminhar, que se projeta para além do próprio romance. A busca continua. Travessia.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. “La posición del narrador en la novela contemporánea”. In: **Notas de literatura**. Barcelona: Ariel, 1962.

ANOTAÇÕES de aula da disciplina “O Regionalismo na Literatura Brasileira” ministrada pelo Prof. José Maurício Gomes de Almeida no primeiro semestre de 2003 na Pós graduação da Faculdade de Letras da UFRJ.

BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: _____. **Obras escolhidas**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANDIDO, Antonio. “O homem dos avessos”. In: COUTINHO, Eduardo (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

COUTINHO, Eduardo. “Guimarães Rosa e o processo de revitalização da linguagem”. In: _____. **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

GARBUGLIO, José Carlos. “A estrutura bipolar da narrativa”. In: COUTINHO, Eduardo (org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Editora 34, 2000.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. “Don Riobaldo do Urucuia, cavaleiro dos campos gerais”. In: COUTINHO, Eduardo (org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 19.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

RESUMO

O objetivo deste artigo é estudar Riobaldo, narrador e protagonista de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, entendido como o protótipo do herói problemático. A análise está fundamentada no pensamento de Georg Lukács exposto em seu livro *A teoria do romance*, no qual estabelece um contraste entre herói da epopéia e herói problemático. A interpretação do romance busca identificar, além de traços que nos permitem caracterizar Riobaldo como herói problemático – afirmação da subjetividade, heterogeneidade do mundo, solidão e angústias – elementos que funcionam como resquícios do tempo da epopéia. São abordados o sentido da narrativa bem como as implicações de sua natureza autobiográfica e os conflitos de Riobaldo, com especial destaque para o problema do pacto com o demônio, em que suas principais dúvidas afloram.